

DE PORTAS ABERTAS E COM MESA FARTA: CULINÁRIA E RECEPTIVIDADE NA ROMARIA DOS PASSOS EM SÃO CRISTÓVÃO OITOCENTISTA

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Sergipe. Primeiras semanas da quaresma. Burburinhos agitam a vida dos pacatos moradores da periferia e zona rural de inúmeros municípios. O escasso dinheiro conseguido por meio de trabalho extenuante deve ser compartilhado com novas obrigações, afinal de contas, chegara o momento de comprar o material para o dia mais importante do ano. Chegara a ocasião de preparar-se para o encontro ao qual aguardaram ansiosos por todo o ano.

As feiras livres de Sergipe passam a ter novos sujeitos em busca de materiais específicos, quase nunca procurados em outras épocas. As lojas de tecidos ou barracas apresentam o estoque tão esperado. São tecidos roxos. Cada segmento social procura o tipo de tecido adequado a seu pedido e, principalmente, a seu bolso. O tempo corrido se torna ainda mais acelerado e o desejo paira sobre os camponeses locais. Chegara a hora de cumprir a penitência. Chegara a hora de seguir os passos do Cristo sofredor. São os dias de praticar sacrifícios na dolorosa festa de Passos na cidade de São Cristóvão, primeira capital dos sergipanos.

Segunda semana da quaresma. As encomendas estão espalhadas entre as costureiras e os caminhoneiros começam a montar seus veículos para o transporte de fiéis. Muitos não sobrevivem do transporte de pessoas, mas sim de cargas. Também, esses motoristas não aproveitam a ocasião para conseguir uma renda extra, pois uma parte considerável leva os romeiros gratuitamente. Os promesseiros buscam algo diferente. Na semana da festa de São Cristóvão o assunto principal em qualquer conversa de interior é a solenidade, apresentada por muitos como sendo uma festona. Sonhos, desejos e utopias mergulham no imaginário dos devotos.

Os preparativos de um evento desse porte não é fácil. O sacrifício é total. Os romeiros pobres, maior parte dos seguidores do Cristo sofredor, junta seu escasso dinheiro para seguir em busca do santuário, da casa de Deus, da casa do Senhor dos Passos. Na sexta-feira ocorre a preparação das marmitas e das túnicas roxas. Dia também de ir a casa de algum santeiro para receber o ex-voto encomendado. Está tudo pronto para seguir os passos do Senhor.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

Madrugada de sábado. No escuro da noite ouvem-se passos aligeirados. Conversas sobressaem em sussurros. Com os primeiros raios de sol aparecem os romeiros: cabisbaixos, vestidos de roxo, saindo de diferentes pontos de Sergipe em busca de um só destino: a cidade de São Cristóvão. Finalmente chegara o dia da Procissão dos Passos.

Neste trabalho temos como objeto de estudo a procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão, primeira capital de Sergipe. Trata-se de uma celebração religiosa que revive os últimos passos da vida de Cristo e o sofrimento a caminho do Calvário. A devoção ao Senhor dos Passos é uma das mais significativas do estado de Sergipe e a procissão realizada na velha capital atrai milhares de romeiros que tentam se caracterizar com a indumentária semelhante a da imagem alvo da devoção: túnica roxa, pés descalços, coroas de espinhos.

Partindo deste ensejo, o propósito desse trabalho é analisar as diferentes formas de percepção da celebração religiosa pelos devotos e discutir a tradição culinária associada ao evento. A tradicional festa de Passos em São Cristóvão envolve sujeitos de diferentes camadas sociais, que emergem no cenário festivo de ângulos diversos. Enquanto os segmentos abastados se abrigam nos velhos casarões, os humildes devotos perambulam pelas ruas estreitas e descansam embaixo das árvores.

Com isso, na festa de Passos ocorre uma dupla alimentação. A primeira, por meio das práticas sacrificiais, os romeiros tentam alimentar o divino, derramando o sangue, suor e lágrimas ao longo dos cortejos procissionais, na tentativa de expurgar os seus pecados. A segunda é a alimentação do romeiro. As mesmas práticas sacrificiais os beneficiam, simbolicamente, pois a exposição da carne poderia produzir a redenção do espírito. As promessas seriam uma forma de atenuar as dores vivenciadas no cotidiano dessas populações sofridas. Mas a solenidade apresenta outra forma de alimentação de si, engendrada no contexto festivo. Entre as missas e procissões, os romeiros sentam-se às sombras de frondosas árvores e abrem as marmitas com seus quitutes e peixadas. Na quaresma penitencial, a ceia constitui um momento de partilha e confraternização.

Diante da relevância histórico-cultural que a referida celebração católica apresenta é necessário debruçar o olhar investigativo sobre a mesma. As festas e práticas penitenciais vêm sendo redescobertas pelos historiadores e tem propiciado leituras instigantes, que contribuíram para renovação da pesquisa histórica em âmbito nacional.

Este estudo está dividido em três partes. Na primeira, “Hierofanias e milagres no palco da paixão” apresenta-se a discussão a respeito da devoção ao Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão e do imaginário a respeito de milagres que teriam contribuído para o aumento no número de romeiros ao longo dos dois últimos séculos. Na segunda,

“Alimentando a alma: as penitências e sacrifícios na casa do Senhor” discutem-se as práticas penitenciais dos romeiros por meio dos sacrifícios físicos e do depósito de ex-votos.

1- Hierofanias e milagres no palco da Paixão.

A cidade de São Cristóvão todos os anos é transformada em palco de um dos maiores dramas da religiosidade católica de Sergipe. As bucólicas ruas que passam ao longo do ano sob a perspectiva do tempo ordinário, lentas e pouco movimentadas, se transformam radicalmente com o aproximar da solenidade dos Passos. A população passa a comentar os preparativos. Os devotos organizam os ofícios da paixão em preparação a festa maior da cidade.

A cidade aos poucos vai mudando seu ritmo. Os primeiros romeiros começam adentrar nas ruelas enladeiradas ainda em meados da semana da solenidade. Os funcionários da prefeitura municipal e os membros da comissão organizadora da romaria também passam a agir, seja na estruturação das casas que abrigam os romeiros, seja na ornamentação das ruas por onde a procissão se desloca. O cenário da festa fica pronto. São Cristóvão se cobre de roxo para receber os devotos do Senhor dos Passos.

Todo o enredo está em torno da imagem do Senhor dos Passos. Essa imagem possui algumas características da arte barroca, como a dramaticidade do olhar e gesto e a angústia da cena representada. Trata-se de uma representação em tamanho natural do Cristo ajoelhado com a cruz sobre os ombros, simbolizando o caminho do calvário.

Por ser o principal evento religioso de Sergipe e por apresentar aspectos peculiares, a solenidade de Passos foi observada pela intelectualidade sergipana, seja como objeto de estudo, seja como curiosidade. Os principais registros foram realizados nas primeiras décadas do século XX, entre os quais se destacou o trabalho “Ao romper do Século XX: o município de São Christovam” do sancristovense Manuel dos Passos de Oliveira Telles². Ao abordar sobre a religiosidade e as festas populares do município o autor abre espaço para ressaltar a relevância e imponência da solenidade de Passos, dando ênfase para a procissão do depósito.

² Trata-se de um importante e original estudo composto de nove capítulos que abordam sobre diferentes aspectos de São Cristóvão como folguedos, história, imaginário, meio natural e físico, religiosidade e sociedade. Foi publicado no jornal “O Estado de Sergipe” entre os meses de março e abril. Infelizmente é um texto que corre sério risco de perder-se pelo descaso. Os poucos exemplares desse jornal existentes nos acervos das instituições de pesquisa de Aracaju estão completamente fragmentados. É uma obra que deve ser reeditada urgentemente. Recentemente foi apresentado um estudo biográfico sobre o autor a partir de suas cartas íntimas. Cf. CHIZOLINE, Isabela Costa. *Simplesmente um obscuro intelectual sergipano: escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. São Cristóvão, 2005, 130f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

A obra pode ser vista como um estudo de cunho etnográfico, no qual Oliveira Telles³ apresenta minuciosamente os detalhes das práticas devocionais existentes nas procissões. É o único estudo do primeiro quartel do século XX que registra de forma explícita as práticas ex-votivas, as diferentes expressões e atos de desobriga.

A sensibilidade perceptiva do autor não se limita às expressões visuais da procissão, tendo em vista que ele penetra no embaraçoso e fascinante imaginário que envolve a solenidade. Este aspecto é revelador na descrição dos episódios interpretados pela população de São Cristóvão como milagres. Devido a tais circunstâncias, a obra de Oliveira Telles é um documento indispensável para o estudo da solenidade de Passos nas primeiras décadas do século XX, principalmente para o pesquisador que busca compreender a participação dos segmentos populares. O autor permite a fala dos silenciados.

Outro olhar relevante sobre os Passos de São Cristóvão é a nota jornalística de Gumercindo Bessa. Em 1910 o jurista estanciano publicou o artigo “Domingo de Reminiscere” no “Diário da Manhã”, no qual ele relata a sua primeira (e única) participação na solenidade do Senhor dos Passos ocorrida no ano de 1886. O texto assinado sob o pseudônimo Marfório, mescla elementos poéticos e humorísticos, no qual destacam-se a presença de sete personagens: Luiz Pitanga, o armador; Manuel Góes, presidente da Província; Rastelli, juiz de direito da comarca; Oséas, secretário de governo; Antônio Dias, o Barão da Estância; Marfório, o observador e o Senhor dos Passos, o perene. Com estes personagens Bessa traça um perfil elucidativo da participação da elite política sergipana na procissão, demonstrando tanto os aspectos devocionais, como as práticas de legitimação política (que não é objeto deste estudo). O desfecho do enredo é trágico-cômico. Bessa apresenta a situação dos personagens em 1910 e constata que a maioria já havia falecido, enquanto outros tinham engordado (simbolizando a decadência), só permanecendo intacto o Senhor dos Passos. Assim, para o autor os devotos passam, mas a devoção permanece.

Em 1920 dois intelectuais sergipanos lançaram o olhar sobre a Procissão dos Passos. Clodomir de Souza e Silva, ao falar sobre São Cristóvão no “Álbum de Sergipe” destaca ligeiramente a devoção dos aracajuanos ao Senhor dos Passos, ou seja, como na maior parte dos trabalhos analisados, trata-se de um olhar superficial sobre o fenômeno devocional, ao dizer:

S. Christovam aguerrida e assediada, tantas vezes perseguida, quantas victoriosa; vibrante de patriotismo contra Ginnselingh e contra Andrés, contra Villa Nova e contra os indígenas, e dolorida de angustia quando

³ TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. “Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam”. In: *O Estado de Sergipe*. Mar/Abr, 1917

Ignácio Barbosa arrancou do seu seio, aos clamores do povo, os cofres e os arquivos. S. Christovam, lendário nicho onde vão os aracajuanos ver o echymosado Senhor dos Passos, quando o sino grande do Carmo enche de dolentes soluços, a hora do sol-pôr, a profunda tristeza do Valel do Paramopama⁴

O segundo estudo de 1920 apresenta um olhar mais minucioso. Serafim de Santiago apresenta no “Anuario Christovense” uma criteriosa descrição da solenidade, enfocando aspectos como a origem da devoção, caminhada e recepção dos romeiros, ornamentação das imagens e charolas, participação das irmandades, ordens terceiras e elite política, procissões e retorno dos fiéis (os principais momentos da romaria estão apresentados no tópico seguinte). A obra do memorialista sancristovense é a única que aborda sobre os bastidores da celebração. O autor reconstrói o panorama das preparações do maior evento religioso de sua terra natal nos mínimos detalhes, indicando os responsáveis por cada função e o papel das associações religiosas na solenidade. A riqueza de informações presentes no texto de Santiago não é desproporcional, tendo em vista que ele foi testemunha ocular dos mais secretos episódios da celebração, como a troca da vestimenta da imagem. Contribui para que o memorialista pudesse realizar suas observações de uma posição privilegiada o fato dele ser compadre do armador Justiniano da Silveira e cunhado de alguns músicos da Orquestra Sacra⁵. Por ser íntimo de alguns dos organizadores da solenidade, Santiago teve a oportunidade de presenciar aspectos pouco visíveis para os demais estudiosos. Em algumas ocasiões como a da ornamentação da charola as portas do Carmo se abriam para o memorialista e se fechavam para os demais curiosos, como ele mesmo afirma:

Depositada a Imagem no centro da charola, elle Justiniano, que estava incumbido por antiga devoção, de despir e vestir novamente a referida Imagem; acto continuo, tratava, primeiro que tudo, de evacuar a Igreja, só ali ficando o velho—Maximiniano Teixeira de Jesus, e eu Serafim de Sant’Iago, pela grande consideração que a elle era dispensada pelas pessoas de minha família de quem era compadre e amigo velho, pois elle no acto de despir e vestir a Imagem, não admittia pessoa alguma, com especialidade meninos

Após as memórias de Serafim de Santiago as produções acerca da Procissão de Passos tornaram-se esparsas. Em algumas décadas predominou o silêncio quase que absoluto, dando a entender que a solenidade estava deixando de chamar atenção aos olhares da intelectualidade local. A procissão só voltou a ser focada por um trabalho de relevância na

⁴ SILVA, Clodomir de Souza e. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

⁵ Nas primeiras décadas do século XX os passos eram cantados por um coral formado só por homens. Alguns membros desse coral passaram a integrar a Orquestra Sacra, que participava das principais solenidades religiosas de Sergipe como na procissão de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju (da qual estavam presentes no fatídico acidente de 1911) e do Senhor dos Passos de São Cristóvão. Entre os membros da orquestra destacavam-se os irmãos Abrão, Arão e Isaque, cunhados de Serafim de Santiago.

década de 1940. Após ter passado um longo período oculto dos olhares dos estudiosos sergipanos, a solenidade foi descrita de forma breve no livro “Sergipe e seus municípios” do IBGE no ano de 1944. Apesar de ser reduzida, a obra registra as práticas penitenciais existentes na procissão do depósito e a grande convergência de romeiros das mais variadas recônditas localidades sergipanas.

A solenidade de Passos voltou a ser foco do olhar da intelectualidade sergipana em 1959 com o estudo de João Oliva Alves⁶ para a “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”. A obra consiste em um relevante estudo de caráter etnográfico, na qual o autor debruça seu olhar sobre os mais variados aspectos da manifestação religiosa. São abordados a origem da devoção e os atos penitenciais existentes nas duas procissões. O estudo de Alves é um dos mais conhecidos entre todos que já abordaram sobre a referida temática. Prova disso é que a partir da década de 1960 o autor tornou-se referência para a maioria dos autores que abordaram o tema. O seu texto passou a fazer parte dos encartes e catálogos turísticos da cidade, mesmo sem citar a fonte das informações⁷.

Em 1969 foi publicado o livro “São Cristóvão Del Rei”, constando dois artigos que fazem o leitor viajar pelas ruas da Velha Capital. No primeiro, “São Cristóvão e a procura do tempo perdido” de Manoel Cabral Machado apresenta o Senhor dos Passos como mais um morador da cidade, mais um da “gente boa”. Com tonalidade humorística o autor convida o leitor a passear pelas ruas estreitas e tortuosas, observar os ex-votos, a solenidade de Passos, pois “na festa de Passos, Sergipe inteiro faz promessas em São Cristóvão. Os devotos caminham de joelhos nas ruas, durante a procissão, acendem velas, carregam feixes de lenha, beijam o santo, depois, vão comer peixadas gordas”⁸. No segundo artigo, “São Cristóvão de minha saudade”, Junot Silveira retrata o cotidiano da cidade a partir da devoção ao Senhor dos Passos. É um texto com certa originalidade, pois registra o trajeto dos devotos desde o momento em que faz a promessa (voto) até o cumprimento com a desobriga e ex-voto. O autor percorre o itinerário do romeiro promesseiro de forma comovente, principalmente ao se referir à procissão do depósito, por ele chamada de fogaréu na qual:

É obvio que o préstito sai à noite, do Carmo à Matriz, em breve percurso que dura longo tempo. Muitos conduzem lanternas de vela e lamparina,

⁶ ALVES, João Oliva. Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides. In: FERREIRA, Jurandy Pires (org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

⁷ Muitos dos textos turísticos de São Cristóvão repetem as informações constantes no artigo de João Oliva Alves, sem referenciá-lo ou acrescentar novos dados. Por esse motivo, não incluiremos tais textos na análise da produção intelectual sobre o objeto estudado para evitar repetições desnecessárias.

⁸ MACHADO, Manoel Cabral. São Cristóvão e a procura do tempo perdido. In: *São Cristóvão Dei Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969. p. 05.

cujas chamas agitadas pelo vento fazem lembrar grandes borboletas de fogo. E os penitentes, os que pagam promessa andando descalços, ou com um feixe de lenha à cabeça, se não mesmo de joelhos, jornada de sofrimento físico e de fé, as pedras do chão dilacerando a carne, o sangue doado ao Senhor na penosa caminhada, como ânimos poderosos, impulsionando a criatura de um templo a outro, supliciada por vontade própria, chegando ao fim da andança com o corpo moído, as pernas doloridas, mas a alma leve como pluma⁹.

2- Alimentado a alma: as penitências e sacrifícios na casa do Senhor

O principal documento sobre a solenidade de Nosso Senhor dos Passos no período entre 1886 e 1920 é o *Anuario Christovense* de Serafim de Santiago. A obra é um relato detalhado e minucioso da trajetória dos romeiros até o santuário sancristovense. No texto memorialístico pode ser evidenciado seis momentos, sendo eles: caminhada, chegada e contemplação, depósito, encontro, despedida e retorno dos devotos.

O primeiro momento descrito por Santiago é o da caminhada. De forma breve, porém atenta, o autor narra que:

Quando se aproximava o segundo Domingo da quaresma, dia consagrado a tradicional procissão dos Passos na legendária cidade de São Christovão, desde cedo e alguns dias antes, a multidão se dirigia para ali em contínua romaria afim de assistir a dolorosa memoração da tragédia da rua da Amargura, ‘o encontro da formosa filha de Sião com seu filho unigenito’, acto que ainda hoje se celebra na ex-Capital Sergipana¹⁰

O relato acima é revelador. O autor demonstra que nas primeiras semanas quaresmais as estradas que levavam a São Cristóvão ficavam repletas de romeiros que buscavam participar da celebração dos Passos. A caminhada descrita apresenta algumas peculiaridades, por se tratar de uma romaria, ou seja, a busca pela contemplação e experiência com o universo sagrado. Neste sentido, a romaria representa o deslocamento espacial do devoto que temporariamente afasta-se da realidade cotidiana caótica para adentrar na ordem cósmica sacralizada. É a busca do santuário. Isso explica o comportamento dos romeiros no itinerário entre a sua localidade de origem e a cidade de São Cristóvão, vista pelo autor como sendo “romaria com maior reverência”. É óbvio que esta versão é a penas um olhar lançado sobre as estradas que ligavam São Cristóvão às demais cidades nas primeiras semanas da quaresma. Além disso, Santiago não é um observador qualquer, mas sim um cidadão sancristovense, católico e acima de tudo, admirador da solenidade de Passos. É muito provável que o silêncio predominante nem sempre fosse respeitado, pois em uma longa caminhada a alegria e os risos também deveriam está presentes, mesmo se tratando de uma romaria de penitência.

⁹ SILVEIRA, Jonot. "São Cristóvão de minha saudade". In: *São Cristóvão Del Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

¹⁰ SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920

Santiago também retrata os diferentes ritmos da romaria. De acordo com o segmento social ou o voto do romeiro, o deslocamento até São Cristóvão era vencido por diferentes meios. A penitência era iniciada com o sacrifício da jornada a ser cumprida a pé. No período estudado (1886- 1920) a trajetória devocional variou com as mudanças nos meios de transportes, levando-se em consideração que em 1914 foi implantada a ferrovia ligando a Velha Capital às praias de Aracaju. Com isso, em 1920 Santiago afirmou que:

Hoje que nosso Estado acha-se dotado de uma estrada de ferro, havendo um trem diário para aquella cidade, desapareceu a grande influencia dos romeiros costumados, que alguns dias antes começavam a viajar, uns a pé, outros em carros puchados a bois, fazendo um agradável descanso nas margens do Rio Pitanga¹¹

Sob a ótica do memorialista, a implantação da ferrovia entre São Cristóvão e Aracaju resultou na redução de romeiros que seguiam a pé pelas estradas. A partir de 1914 o trem passou a ser o principal meio de transporte para a solenidade de Passos, o que não significou o fim dos demais. O que chama mais atenção no depoimento é a predominância dos romeiros que seguiam a pé até o santuário no período anterior a 1914. A caminhada rumo ao santuário representa uma importante simbologia no universo cristão. Em diferentes épocas e localidades destacaram-se as longas caminhadas para santuários como Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém¹². Nos primeiros dias da quaresma o afluxo de romeiros que adentravam em São Cristóvão era considerável, como atesta mais uma vez o memorialista local:

No correr da primeira semana da quaresma, principiavam a chegar muitas famílias de todos os pontos da Província, principalmente da nova Capital de Aracaju, donde a maior parte da pequena população era natural de S. Christovão. Chegava finalmente no sabbado a tarde o Ex^{mo} Senhor Presidente da Província, de seu estado-maior, assim como um grande número de funcionários públicos gerais e provinciais e a musica do corpo de policia. Grande era a concorrência de carros conduzindo famílias a entrarem dia e noite na velha cidade¹³.

O depoimento demonstra que o afluxo de romeiros a São Cristóvão no período da solenidade era realmente considerável. Com a proximidade das celebrações, os devotos de diferentes segmentos sociais começavam a chegar à terra do Senhor dos Passos. Nesta ocasião ocorria um dos principais momentos da solenidade: o encontro dos romeiros com a imagem do Senhor dos Passos. A relevância deste momento é devido a interação do fiel com a imagem, o contato íntimo com o desejado universo sagrado. A contemplação inicial ao pé da charola era peculiar. Na sexta-feira da quadragésima a imagem era transportada do Carmo Pequeno para o Grande, local onde era preparada a charola para a procissão. A imagem

¹¹ Idem.

¹² BALBINOT, Egídio. "Romaria: elementos antropológicos, bíblicos e históricos". In: BALBINOT, Egídio (org. G). *Liturgia e Política*. Chapecó: Grifos, 1998.

¹³ SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920

permanecia velada, ou seja, coberta com pano roxo a espera da penitencial procissão do depósito. A contemplação nesse momento era intensa, pois durante todo o sábado sagrado os romeiros visitavam a igreja do Carmo com o intuito de observar e poder tocar ao menos nos pés da imagem.

No universo simbólico religioso do romeiro, o local onde está depositada a charola do Nazareno constitui uma sacralização privilegiada. O templo em si já é visto enquanto local sagrado, no entanto, a presença da imagem agrega uma nova função, reforça a sacralidade. Sob esse prisma, a elevada procura pelo Senhor dos Passos pode ser interpretada como uma forma de sentir, presenciar, vivenciar a sacralidade.

O terceiro momento que pode ser evidenciado no *Anuario Christovense* é o da procissão do depósito. No plano penitencial, este é o ápice da solenidade, por ser o momento em que diferentes segmentos sociais cumprem seus atos de desobriga no curto trajeto processional entre as igrejas do Carmo e da Matriz. No período estudado a cidade de São Cristóvão ainda não possuía rede elétrica. Mesmo assim, a tradicional procissão do sábado à noite não transcorria às escuras. Além do luar, as ruas do trajeto eram iluminadas com lanternas depositadas nas fachadas do casario e com as velas dos inúmeros romeiros que lotavam a igreja e praça do Carmo. Embora o itinerário da procissão fosse curto, a procissão era demorada, pois além de passar pela praça do Carmo, rua da Imperatriz e praça da Matriz, o cortejo parava por três vezes para o canto dos passos¹⁴.

O quarto momento da narrativa de Santiago é a procissão do Encontro, realizada no segundo domingo da quaresma. Mesmo não tendo muitos romeiros cumprindo sacrifícios como no cortejo da noite anterior, a procissão também apresenta aspectos penitencias, por relembrar “a tragédia da rua da Amargura, o encontro da formosa filha de Sião com o filho unigênito”¹⁵. Através da narrativa do autor sancristovense podemos constatar uma série de aspectos presentes na procissão, dos quais o mais marcante é o caráter teatral. O longo cortejo que saía pelas ruas da Velha Capital ao entardecer de domingo era uma verdadeira encenação dos últimos momentos da paixão. Vários elementos somavam-se para fortalecer a teatralidade barroca da solenidade como o ritmo, os cânticos, o encontro, as cenas representando os sete passos, as imagens em tamanho natural, a mistura sincrônica de imagens e personagens

¹⁴ Na procissão noturna eram cantados apenas três passos, respectivamente na casa da esquina da rua da Imperatriz, na casa de João Florêncio de Almeida (praça da Matriz) e na casa de dona Maria Barretto. Além destes passos, os músicos também cantavam versículos nas igrejas do Carmo e da Matriz. Mesmo considerando esses dois versículos como passos, não chegamos a quantidade tradicional de passos cantados nos dias atuais (sete). Provavelmente as outras duas paradas foram acrescentadas posteriormente.

¹⁵ SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920. p. 19.

bíblicos representados por moradores da cidade e o cenário, cercado pelo casario barroco. No teatro dos Passos, é difícil distinguir o público dos atores, pois o público formado porromeiros interagiu constantemente com a encenação, ou seja, desempenham função ativa na celebração, como evidencia o memorialista:

Alguns momentos antes de sair a procissão da Matriz uma pequena força composta de 8 praças e um sargento do corpo de policia para guarnecer as charolas e o Pallio. Dadas às 5 horas, e já estando presentes todos os sacerdotes, o Prior dirigia-se ao vigário Barrozo pregador do encontro e tratavam de mandar sahir a procissão. O vigário chamava o Senhor Jozé Antônio de Souza Leal, antigo devoto de carregar o pendão e a elle dava ordem para sahir primeiramente aquelle grande estandarte de pano grosso de damasco roxo levantada em uma haste de pau, superior a 20 palmos de altura [...]. Sahia então a procissão da Matriz; era agradável ver apparecer a venerável Imagem do Senhor dos Passos, que ia percorrer algumas ruas da velha cidade e fazer o seu encontro doloroso. Ao chegar a charola na porta principal, carregada pelos Irmãos 3^{os} de São Francisco, o sargento, commandante da pequena força policial, mandava por joelhos em terra a seus commandados e o pôvo admirado curvava-se reverente deixando passar o famoso Nazareno.¹⁶

O texto acima citado é enfático. Demonstra o grau de reverência que havia na solenidade de Passos, em que até o corpo policial ajoelhava-se diante da imagem. Este ato simbólico é revelador, por demonstrar o poderio atribuído à religião no período imperial, ainda regulamentado pelo padroado régio. A interação do publico com a procissão torna-se explícita ao se observar o momento em que os devotos curvam-se em reverência à imagem. Deste modo, o público passa a ser ator na dramática encenação dos sete passos da paixão. Também demonstra o grau de teatralidade da procissão o fato da imagem ser erguida somente ao sair da igreja Matriz, ou seja, apresenta-se solenemente ao público de devotos. O mesmo ocorria na hora do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, na praça São Francisco. Nesta ocasião a eloquência do sermão do vigário Barrozo ritmava a entrada da Virgem no palco lotado pela platéia ansiosa, pois:

Findo este terceiro cântico, surgia no púlpito o vulto do Orador consumado vigário Jozé Gonçalves Barrozo que lançando um olhar prescutador sobre o enorme audictório que enchia a praça, principiava a falar, desenrolando os martyrios e soffrimentos da victima ali presente. O povo já ancioso esperava aquellas palavras inspiradas. Naquelle momento já estavam parados todos os sinos e reinava o completo silencio, esperando os ouvintes o momento mais tocante d'aquelle acto, o encontro doloroso da santíssima Virgem com seu unigênito filho em completa afflicção na rua da Amargura. O povo, attento, ouvindo o orador, prestava ao mesmo tempo attenção a aproximação da charola da Virgem de Sião pela entrada do beco, e os devotos carregadores prestavam também attenção ao pregador , que, no correr do sermão, de quando em vez, fazia sinal mandando que a Virgem se approximasse. Estes sinaes erão tão bem representados, que os espectadores

¹⁶ SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920

não percebiam, somente entendiam aquelles gestos do orador, os antigos devotos, carregadores da charola. Sublime as figuras grandiosas, as epopéias do verbo, os justos pensamentos sahiam-lhe dos lábios incendiados, quando elle, já tendo ao pé do púlpito a charola da Santíssima Virgem que já era vista pela maior parte da multidão dizia: ‘o voz todos, que passaes por aqui, attendei, e considerai, se há dor igual a minha dor e afflicção’. Ao pronunciar elle, estas afflitas e angustiosas palavras, arrancava lágrimas da maior parte dos ouvintes¹⁷.

A longa e minuciosa descrição do encontro acima citada é contundente. Apresenta claramente os elementos da teatralidade barroca, na qual a praça São Francisco é transformada em um grande auditório. Este é um dos principais momentos da encenação, pois diferentes atores se cruzam como o Senhor dos Passos, a Virgem da Soledade, a Verônica, o pregador e a grande massa de fiéis. A proposta artística barroca era mais um mecanismo aglutinador de fiéis, pois visava educar e ao mesmo tempo legitimar a imagem sacralizada.

O penúltimo momento da solenidade presente na obra de Santiago é a despedida dos devotos. Após o retorno da procissão do encontro para a igreja do Carmo Pequeno os romeiros iniciavam a despedida do santuário, ou seja, preparavam-se para retornar para o seu universo cotidiano e caótico. Antes do retorno inevitável, os romeiros cumpriam os últimos atos penitenciais, os últimos contatos com o sagrado. Com isso, era costume os devotos visitarem durante a noite de domingo os sete passos expostos ao longo do trajeto processional, seguindo o mesmo itinerário da tarde. A despedida era concluída com a veneração das “imagens que ficavam expostas até as 11 horas da noite”¹⁸.

Por fim, os devotos retornavam para suas localidades de origem. Nas noites iluminadas pelo luar do domingo da quadragésima¹⁹ os romeiros caminhavam para diferentes destinos e realidades de vida. No depoimento de Santiago é possível ouvir algumas vozes de tais romeiros, com discursos que exalam o sentimento de dever cumprido mesclado com saudade e com a promessa do retorno certo. O desfecho da romaria era marcado pelo elevado número de fiéis pelas estradas sancristovenses. Assim:

Terminada a procissão começavam a sahir os cavalleiros para a nova Capital de Aracaju, para Laranjeiras, Itaporanga, etc. Grande era a multidão de pessoas que a pé seguiam para Aracaju depois da visita dos Passos às 11 horas, aproveitando o lindo luar, e enquanto caminhavam diziam: ‘Adeus!!! Adeus!!! Até para a Semana Santa se Deus não mandar o contrário. Pelo caminho os viajantes elogiavam o sermão do vigário Barrozo, analysando alguns tópicos proferidos por

¹⁷ Idem.

¹⁸ SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920.

¹⁹ Segundo o calendário cristão, as sete semanas que antecedem a paixão possuem uma nomenclatura específica. Assim, a semana anterior ao carnaval é chamada de setuagésima; a do carnaval, sexagésima; a primeira semana da quaresma, quinquagésima, a segunda, quadragésima e assim sucessivamente.

elle [...] Deus te dê saúde, Padre Barrozo, e a mim conceda vida, que de ontem a hum mez estarei de volta por este caminho para ouvir outro Sermão do nosso Vigário na Semana Santa. Estas cinco leguas eram sempre vencidas com a mesma satisfação (SANTIAGO, 1920, p. 27v).

Podemos constatar que no retorno os romeiros firmavam o compromisso de voltar para assistirem as solenidades da semana santa. Esta constatação reforça a idéia de que a cidade de São Cristóvão neste período desempenhava a função de santuário local, aglomerando em suas celebrações, devotos de diferentes partes de Sergipe. Com isso, para tentar empreender a solenidade de Passos, torna-se eminente o estudo dos elementos constitutivos do santuário dos Passos.